

## DE QUEM É A COZINHA? REPRESENTAÇÕES DE MASCULINO E FEMININO EM MASTERCHEF BRASIL<sup>1</sup>

Gabriel FERREIRINHO, (UFF)<sup>2</sup>  
gabrielferreirinho@gmail.com  
Marina SANTOS, (UFF)<sup>3</sup>  
marina18dez@outlook.com

**Resumo:** O presente artigo procura examinar as representações de gênero no reality show Masterchef Brasil, a partir das relações e construções das personagens, dos jurados e da apresentadora. Observar quais discursos sobre feminino e masculino; homem e mulher; feminismo e machismo podem ser apreendidos das práticas, dos diálogos, das relações com as participantes e da construção da imagem profissional dos chefs. Por fim, relacionar como a masculinidade hegemônica está configurada na narrativa do programa e quais suas reconfigurações. Objetivamente, pretende-se pensar tais questões sob o comparativo entre a 5ª (amadores) e 3ª (profissionais) temporadas, ambas de 2018.

**Palavras-chave:** Gênero; Reality Show; Representações.

**Abstract:** The focus of this paper is to analyze the gender representations within the reality show Masterchef Brasil, through the relations and constructions of the characters, the jurors and the presenter. To understand which discourses on feminine and masculine; man and woman; feminism and sexism can be apprehended from practices, dialogues, relationships between participants and the development of the professional image of chefs. Finally, to observe how hegemonic masculinity is configured in the narrative of the program and what are its reconfigurations. Objectively, it is intended to think such questions under the comparison between the 5th (amateur) and 3rd (professional) seasons.

**Keywords:** Gender, Reality Show, Representations.

### Introdução

Masterchef Brasil é um dos principais programas na grade da Emissora Bandeirantes, desde sua estreia em 2014 até hoje foram ao ar nove versões do *reality* (como o Masterchef Brasil Júnior, no qual crianças competem). Geralmente são

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense e graduado em Estudos de Mídia pela mesma Universidade.

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense e graduada em Estudos de Mídia pela mesma Universidade.

exibidas duas versões no mesmo ano; assim, só em 2018, o primeiro semestre foi marcado pela competição entre os cozinheiros amadores, enquanto, o segundo, apresentou a competição de cozinheiros profissionais.

Sucesso entre o público brasileiro<sup>4</sup>, que não só pode acompanhar o *reality show* pela televisão aberta, mas também pode encontrar todos os episódios disponíveis gratuitamente no *Youtube* e no canal da televisão fechada *Discovery Home&Health*; *Masterchef Brasil* fica constantemente entre os assuntos mais comentados no *Twitter*, prática estimulada pela emissora, que soube engajar o público online com diversas estratégias como o uso de *hashtags* (que são exibidas na tela e são faladas - quase sempre de modo conjunto - pela apresentadora do programa) e os comentários ao vivo (durante a exibição do show) nas redes sociais por parte dos jurados.

Diferente de outros *reality shows* de competição, como *Big Brother Brasil* (2001-Presente, Globo) e *American Idol* (2002 - presente, FOX), o público não participa da decisão de quem será eliminado e/ou quem vencerá. O que aponta para a forma com a qual o *Masterchef* cria laços com espectadores a partir da trajetória dos participantes, da figura dos jurados e através das provas. É na aplicação de elementos tradicionais das narrativas televisivas que esse *Reality* angaria seu fiel público: o uso do melodrama e a construção tipificada das personagens são elementos fundamentais para compreendermos como se dá o elo entre público e narrativa.

As discussões de gênero reconfiguradas a partir de *Masterchef Brasil* não começaram recentemente, um caso muito discutido logo na primeira edição profissional (2016) do televisivo foi o da vencedora Dayse Paparoto, que ao final da competição competia com inúmeros homens que a rebaixavam para valorizar apenas uns aos outros. Ao longo da narrativa, a competidora ouviu do participante Ivo Lopes - seu ex-chefe de cozinha fora da competição - que ela deveria varrer chão, ao invés de cozinhar. Além disso, o caso mais evidente ocorreu durante a final, onde ela e Marcelo Verde disputavam pelo troféu e o competidor homem ficou em segundo lugar. No momento da revelação o mesmo apresentou-se de maneira transtornada, não se conformando com o resultado. Ultrapassando a tela da televisão, o mesmo fez inúmeras publicações em seu

---

<sup>4</sup> <https://www.otvfoco.com.br/final-do-masterchef-vence-a-record-de-ponta-a-ponta-e-bate-a-globo-na-audiencia/> <Último acesso em 28/11/2018>.

Twitter pessoal questionando a decisão dos jurados e se autopromovendo como o candidato mais criativo e apto à vitória.

A audiência reagiu a tais fatos também sob um viés de gênero. Diversas mulheres comemoraram a vitória de Dayse, na medida em que inúmeros homens concordaram com Marcelo e acharam a final injusta. Além disso, Paola Carosella (a única jurada mulher) desenvolveu sua persona no programa indo ao encontro com discursos feministas, como:

(...) Assim como eu e como a Ana [Paula Padrão], você escolheu uma profissão dominada pelos homens, e eu acredito que assim como pra mim e pra muitas outras mulheres não tenha sido nada fácil. Às vezes, a gente tem que ouvir umas idiotices que eu vou te falar, né (sic)? Mas o bom é que você está aí! É você que está aí, né? (sic). E isso quer dizer muita coisa. Você não está aí por ser mulher, você está aí por ter um talento inacreditável e por cozinhar bem pra caramba<sup>5</sup> (CAROSELLA, Paola. 1ª temporada de Masterchef Profissionais, ep. 11/parte 5).

A partir de tal fala, podemos observar no programa que semanalmente há diversas práticas e discursos de gênero que, por estarem inseridas em uma narrativa de *reality show*, confundem o cotidiano e o ficcional (SKEGGS, 2015), permitindo uma análise que permeia um discurso ordenador (executado pela produção e edição do programa) em jogo com as narrativas, relatos e atos pessoais das personagens que deixam vaziar seus modos de estar no mundo. Na dita “vida real”, ou seja, aquela que vai além do show televisivo e publicizado por Paola em suas redes sociais, a jurada condiz com seu discurso na trama. Em seu instagram vemos fotos dela em protestos que visam direitos iguais e fim da violência contra mulheres, por exemplo.

E é a partir dessa perspectiva que nos conectamos a questão principal da análise aqui presente: a narrativa de Masterchef elabora relações e representações de gênero, contudo tratando-se de pessoas que existem e não interpretam papéis, tais associações não se dão de maneiras simples e duais. Para tanto, aqui se pretende compreender em que momentos se reforçam lugares e discursos de opressão e em que momentos são subvertidos dentro de tal produto.

---

<sup>5</sup> Trecho extraído de <https://www.youtube.com/watch?v=u-wfGMXp9q0>. <Último acesso em 10/12/2018>.

## O espaço da cozinha: relações de gênero

É interessante e necessário para a construção deste artigo pontuar algumas noções incutidas no espaço social (BOURDIEU, 1976; SANTOS, 2007) da cozinha. Aqui, faremos a distinção inicial entre a cozinha de casa/cotidiano e a profissional. Tal separação surge não somente como um marcador mercadológico, mas também propõe relações sociais ligadas à questão de gênero e carrega consigo valores simbólicos distintos dentro da sociedade ocidental. Mais ainda, se ressignificam quando transportamos tais conceitos à realidade brasileira.

Logo, a cozinha de cotidiano é aquela representada majoritariamente a partir da marca do feminino, onde avós, mães e irmãs tomam protagonismo do ato de cozinhar. Aqui, temos uma cozinha com fins básicos: alimentar-se e alimentar ao outro. É nela também que se constroem memórias e afetos. Concomitantemente, é ainda dentro dessa cozinha caseira onde surgem lugares-comuns dentro do imaginário coletivo social: o da dona de casa subserviente, expressa na simplicidade da conhecida máxima, que diz que o lugar da mulher é na cozinha. Ao transportarmos esse olhar social para o âmbito midiático, é visível que os programas matinais, criados exatamente para suprir a ‘necessidade’ de conteúdo para essas mulheres reproduzem fortemente esse lugar. Um conhecido exemplo brasileiro é o quadro diário de culinária dentro do famoso “Mais Você”, exibido nas manhãs de segunda a sexta, pela Rede Globo.

Em contrapartida, o local comum da cozinha profissional surge a partir do imaginário da figura do chef. Aquele que é assertivo, organizado e, muitas vezes autoritário e militarizado. É dentro dessa cozinha onde há um ideal de hierarquização, onde são valorizadas características como obediência e resistência, e que são assimiladas na sociedade contemporânea ocidental como masculinas. É a partir desse local-comum que reality shows de competições gastronômicas tem seu ponto de partida. A força, resistência, alto conhecimento de técnicas gastronômicas, uso de insumos pouco comuns ao cotidiano nacional ou uso extraordinário daquilo que é “comum” são altamente valorizados nesses produtos televisivos.

Ao seguir as problematizações acerca de gênero propostas por Judith Butler (2003), uma atenção maior é dada na análise das personagens em seus discursos e práticas para além de as pensarmos apenas a partir de categorias binárias de sexo

(mulher e homem), apesar de termos em vista as interlocuções entre gênero, sexo e orientação sexual. Aqui, podemos também discutir a noção de performance (BUTLER, 2003), já que há no programa inúmeros casos de mulheres que se apresentam a partir de representações lidas como masculinizadas - como serem mais frias e assertivas, por exemplo. Estas geralmente se mantêm até os últimos episódios da competição. Em compensação, os homens que apresentam características “femininas”, tendem a não seguir adiante.

### **Masculinidades e feminilidades em Masterchef Brasil**

Para iniciarmos a interlocução entre as discussões de identidades e Masterchef Brasil, alguns dados precisam ser apresentados: dentre as 5 temporadas da versão amadora do programa, 4 mulheres e 1 homem saíram vencedores; dentre as 2 temporadas finalizadas da versão profissionais, uma mulher e um homem saíram vencedores<sup>6</sup>; a única temporada da versão júnior teve um adolescente de catorze anos como vencedor.

Dito isso, na comparação entre as últimas versões amadora e profissional que foram ao ar no ano de dois mil e dezoito, a associação entre pessoas do mesmo sexo se apresenta como um ponto de partida. Eliane, uma participante amadora, constantemente trazia em seu discurso uma defesa pela manutenção das mulheres no programa para que estivessem representadas na final; em diversas ocasiões nas quais a pessoa que venceu a prova pode escolher qualquer participante para não participar da eliminatória, Eliane optava por mulheres.

Já no profissional, a maior aliança se deu entre Rafael e Daniel, que desenvolveram um laço com o passar das semanas e conseguiram chegar longe na competição, pois se ajudavam nas provas assim como quando podiam oferecer imunidade. Apesar disso, a parceria sempre foi marcada por muitas características relacionadas à masculinidade hegemônica, os participantes constantemente brigavam ou se comunicavam de maneira violenta. Além disso, Rafael era um participante mais velho do que Daniel, com um restaurante em Paris, o que o fazia tratar seu parceiro com

---

<sup>6</sup> Na data de envio desse trabalho, o resultado da terceira temporada da versão profissional ainda não havia sido revelado. Até então (10/12/2018), dois homens restavam na competição.

autoridade, que era respondido por Daniel numa relação quase como a de um irmão mais novo que admira o mais velho.

Um momento emblemático dessa relação aconteceu em uma prova em que os dois participavam de um grupo com Manoela, no qual ganharam a prova a partir dos elogios que a participante recebeu no seu preparo da sobremesa. Contudo, como Daniel era o chefe da equipe, ele é encarregado de escolher um dos dois para não participar da prova de eliminação; nesse momento, a edição nos apresenta um relato de Rafael: “Se ele não me chamar, eu vou ter que fazer a prova, mas aí eu vou com sangue no olho contra ele depois”<sup>7</sup>, o que explicita uma relação histórica entre masculinidades através da competição (VIGARELLO et al., 2013) que sobressai ao afeto. Permanecendo fiel à sua “amizade”, opta por salvar Rafael da eliminação e Manoela faz a prova.

Essa relação é simbólica, pois os dois conseguem chegar longe na competição, o que demonstra as análises de Connell (2005) em que aponta para como os homens utilizam de associações entre homens para conquistarem e/ou manterem-se no poder. Além disso, também demonstra as hierarquias nas relações entre sexo e gênero que são consequências disso; no caso, Manoela, uma mulher, correu o risco de ser eliminada, enquanto os dois homens permaneceram na competição. Mas além dessa óbvia hierarquia binária, dentro do contexto do programa, Rafael representou a masculinidade hegemônica, tanto pelos êxitos de sua vida profissional em relação aos outros participantes, como em sua postura arrogante, agressiva e paternalista; sempre alavancada por seu parceiro Daniel, que se posicionava enquanto uma masculinidade subordinada, que admirava o hegemônico e inspirava-se por ele. O final dessa disputa de poder na temporada já é conhecido, mesmo antes da final, uma vez que na semana seguinte Daniel foi eliminado, e na seguinte, Manoela; Rafael está entre os finalistas.

O último arco narrativo, antes da final que ainda irá ao ar, também envolveu relações de masculinidade e Rafael como um de seus personagens, que ao vencer a primeira prova do episódio, deixou a seleção da última pessoa semifinalista entre William e Heaven. William, que ao decorrer da temporada, sempre demonstrou que se incomodava com atitudes arrogantes e às vezes agressivas de Rafael, quando perguntado sobre com quem gostaria de “brigar” na final, disse inúmeras vezes ao longo

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CGV4OEWz7qc> <Último acesso em 28/11/2018>.

do episódio que gostaria de ir com o inimigo, pois gostaria de ganhar dele. Ao invés de questionar essas relações e até mesmo invalidá-lo ao elencar Heaven como uma futura adversária, ele operou dentro das mesmas categorias de sentido que até então parecia se incomodar, declarando “guerra” a Rafael e incitando uma relação não só bélica, mas competitiva (VIGARELLO et al., 2013). Heaven, por outro lado, quando indagada contra quem gostaria de cozinhar na final, disse que gostaria de estar lá e não tem faria diferença contra quem.

Trazendo a discussão para o escopo de gênero, as duas pessoas finalistas da versão amadora são interessantes para análise, pois subvertem padrões de feminino e masculino em suas práticas e discursos. Nos primeiros minutos do episódio final, quando são apresentadas as duas pessoas finalistas<sup>8</sup>, Hugo é descrito por Ana Paula Padrão (apresentadora) como uma pessoa que demonstra doçura; ao longo de sua trajetória no programa, sempre se relacionou de uma maneira amigável com todas as outras pessoas que participaram, não era impositivo, nem competitivo, demonstrando desagrado a cada nova necessidade de indicar alguém para as provas de eliminação. Paola diz que percebeu nele uma mão sutil e afiada para técnicas de alta gastronomia, além de dizer que ele não se foca no jogo, mas na cozinha. Ao mesmo tempo, outras participantes, como Eliane, e o jurado Henrique Fogaça o pontuam como inseguro. Quando o próprio Hugo tem sua fala diz “meus concorrentes achavam que eu era fraco, inseguro, mas eu vou mostrar pra eles que eu mereço estar aqui na final do Masterchef”. Maria Antônia (a vencedora da edição) é descrita por participantes como a que demonstrou mais força e evolução, não só a melhor competidora, mas a melhor cozinheira; Paola diz que ela é uma guerreira e que se da muito bem sob pressão e Jacquin completa dizendo que quanto mais dificuldade ela encontra, mais “vai em cima”.

É muito interessante perceber as características pelas quais cada participante é definido, o participante homem é colocado como uma pessoa não competitiva, doce, insegura e que não faz uso de uma racionalidade aguda para os fins do jogo. Ao mesmo tempo, a participante mulher é definida pela força, por ser guerreira (e essa palavra é

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oNZMZhw98E0&t=369s> <Último acesso em 28/11/2018>.

importante pelo sentido bélico – historicamente ligado ao universo masculino), por ser uma “boa jogadora”, tendo sua racionalidade sinalizada. Apesar disso, um ponto marcante dessa participante foi o fato de ser mãe e dona de casa (apesar de ser *sommelier* não exercia a profissão e dizia que sua profissão era ser mãe), além de ter chorado em muitos episódios, o que a fez alvo de discursos machistas como o proferido no último episódio pelo participante conhecido como padre Evandro (um dos participantes mais misóginos entre todas as temporadas, que constantemente desfazia das participantes mulheres em suas falas): “Na minha visão a Maria Antônia foi uma competidora mediana com muitas lágrimas de crocodilo”. Essa frase foi colocada pela edição na sequência de uma fala de Ana Paula Padrão que questionava esses sentidos: “Eu não vejo a Maria Antônia como uma dona de casa e nem acho que ela veio pra cá por causa do filho. Ela veio pra cá por causa dela, ela queria mudar a vida dela. Foi isso que ela veio buscar e por isso que ela conseguiu”.

Hugo, por outro lado, enquadrado dentro de características geralmente tidas como femininas, dificilmente foi descrito como homem, tanto jurados quanto participantes costumavam se referir a ele enquanto “menino” ou “garoto”, hierarquizando dentro de ideais etários suas práticas e discursos, o que o posicionava num espaço infantil e menos ativo (VIGARELLO et al., 2013). Esse tipo de conduta é comum ao programa, na edição Profissional, o participante Paulo que era comentado por ser lento no exercício da cozinha, por não ser competitivo durante as provas e por ter uma postura mais delicada e pouco assertiva, também foi julgado e visto como um participante amador em meio a profissionais.

Ainda sobre a terceira temporada profissional de Masterchef Brasil, podemos remontar aqui uma das cenas dos primeiros episódios da trama, onde Simone, a participante mais velha da edição participava de uma prova de eliminação. No momento em que ela manejava a faca, a imagem é cortada para o ambiente do mezanino, onde dois participantes homens comentam entre si o fato dela cortar “como uma dona de casa” e não como uma cozinheira profissional, entre eles há risos. Ao lado dos homens, uma das participantes mulheres comenta com outra que eles só falam assim das mulheres e nunca de outros participantes homens, pontuando categoricamente que eles eram machistas. Expandindo os sentidos, na semifinal dessa mesma temporada, o chef

convidado Rodrigo Oliveira ao elogiar um participante homem subverte essas categorias em sua fala: “Olhando seu prato, eu pensaria que foi feito por uma tia, uma senhora de casa que gosta muito de cozinhar e que cozinha muito bem, porque está tudo muito gostoso”<sup>9</sup>.

Ao nos direcionarmos às figuras dos chefes jurados, podemos tomar que a relação dos chefes homens é distinta quando interagem com jogadores homens ou com jogadoras mulheres. Henrique Fogaça relaciona-se e dialoga com os homens do programa quase sempre numa relação de amizade. Este muitas vezes os abraça, oferece apertos de mão e ‘tapinhas’ nas costas. Um dos casos mais evidentes era a relação desse chef com o participante amador (2018) Thiago, que era policial militar do Estado do Rio de Janeiro. Além de essa profissão reforçar inúmeros estereótipos do ideal de masculinidade, o vínculo entre os dois se mostrou evidente quando até mesmo continência os dois fizeram um ao outro, num sinal claro de respeito e valorização de seus respectivos trabalhos.

Já Erick Jacquin muitas vezes chama as personagens mulheres de “menina” ou “moça”, enquanto isso dificilmente ocorre com os homens. Remontando também à noção de infantilização e conseqüente diminuição da função crítica das mulheres como pessoas, já que existe a noção de crianças não são passíveis de escolhas e decisões próprias, precisando sempre do auxílio de outro, geralmente os adultos responsáveis pelas mesmas.

Em contrapartida às questões levantadas acima, temos a figura de Paola Carosella, que costuma elogiar pratos e características pessoais em inúmeros personagens da trama, independente de seu gênero. Os elogios desferidos geralmente referem-se à qualidade dos pratos e posturas de tais pessoas como “futuros” ou como “profissionais” da área gastronômica. Conseqüentemente, as broncas e desafetos também são apresentadas sob tais chaves. Assim, é possível compreender que para olhar para tal programa televisivo sob um viés de gênero, é necessário compreender que mais do que a dualidade “homem x mulher”, a narrativa em si se constrói sob características tidas socialmente como masculinas. Os elementos narrativos reforçados como positivos

---

<sup>9</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=GKggxT\\_9yZM&t=301s](https://www.youtube.com/watch?v=GKggxT_9yZM&t=301s) <Último acesso em 10/12/2018>.

são aqueles como “garra”, “força”, “coragem”, “assertividade” e “determinação” e os negativos são, como consequência aqueles como “fraqueza”, “delicadeza”, “afetividade”, “compartilhamento”.

### Considerações finais

Observar as relações e representações de gênero não é algo simples, mas muito necessária; muito além da dicotomia de sexos e gênero que prevê uma oposição concreta entre masculinidade e feminilidades, devemos nos atentar para os deslizos e as múltiplas possibilidades simbólicas da expressão de gênero. Refletir sobre as características que são legitimadas e aquelas que servem como ofensa ou para dirimir apontam para uma etapa importante das questões sobre gênero contemporâneas.

Os reality shows, ainda pouco estudados em suas representações, podem servir de inspiração para muitos trabalhos que envolvem uma relação simbólica, acionando discursos, regionalidades e a oportunidade de assistir a personagens que são “pessoas reais” com pensamentos e práticas próprios.

Em relação ao Masterchef Brasil, o que mais chama atenção como um ponto a ser considerado é como a versão profissional tende a cobrar e validar uma performance mais masculina, tanto em práticas quanto discursos, e isso se reflete inclusive nos vencedores; enquanto a versão amadora aparentemente premia as mulheres e questiona sentidos sobre as feminilidades, a versão profissional acaba reiterando a ideia de que a profissão é um espaço para homens, enquanto a cozinha pode ser ocupada por mulheres.

### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertarnd Brasil, 2003.

BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. Goftts de classe et styles de vie. (Excerto do artigo "Anatomie du gofft".) **Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales**, nº 5, out. 1976, p. 18-43. Traduzido por Paula Montero.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2005.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora Edusp, 2007.

SKEGGS, Bervely. A economia moral da apresentação pessoal: relações de classe e auto-performances nos reality shows. **Em Parágrafo**. jan./jun. v. 1, n. 3, 2015.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História da Virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.